

# #16

## **Antinegritude e representação: descolonizando a biblioteca na Universidade Periférica**

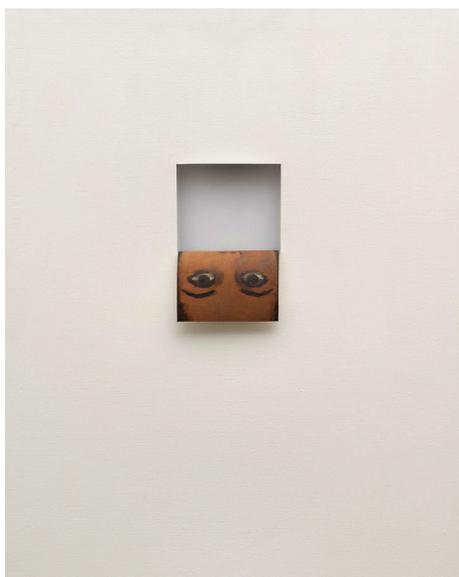
OSMUNDO PINHO

**MASP Afterall**

**2020**

### **Arte e descolonização**

O MASP e o Afterall — centro de pesquisa dedicado à arte contemporânea e às histórias das exposições — estabeleceram uma parceria de estudos sobre o tema arte e descolonização. A iniciativa pretende questionar as narrativas oficiais e a configuração eurocêntrica do mundo da arte como uma história totalizante, produzindo também novas leituras sobre acervos e coleções de museus e exposições, por meio de workshops e seminários, além de publicações de artigos. O projeto aborda o surgimento de novas práticas artísticas e curatoriais, que questionam e criticam explicitamente os legados coloniais na arte, na curadoria e na produção de crítica de arte. Pretende-se que os eventos promovidos por esta parceria do MASP e do Afterall estimulem novas discussões e pesquisas sobre descolonização, decolonialidade e estudos pós-coloniais.



VALESKA SOARES  
*Duplface (Branco de titânio)*, 2017  
Coleção Museu de Arte de São Paulo  
Assis Chateaubriand

# Antinegritude e representação: descolonizando a biblioteca na Universidade Periférica

OSMUNDO PINHO

## 1. BRUNATO, INGREDI.

*Aventuras na História*. “Secretário da cultura critica reedição de Monteiro Lobato que suprime trechos racistas”. <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/secretario-cultura-critica-reedicao-de-monteiro-lobato-que-suprime-trechos-racistas.html>. Acesso: 12 de janeiro de 2021.

“Governo Bolsonaro critica reedição de Monteiro Lobato que suprime trechos racistas”, *Ilustrada – Folha de São Paulo*, 22/12/2020. <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/12/governo-bolsonaro-critica-reedicao-de-monteiro-lobato-que-suprime-trechos-racistas.shtml>. Acesso: 12 de janeiro de 2021.

## 2. FERES JÚNIOR, João,

Leonardo Fernandes Nascimento e Zena Winona Eisenberg. “Monteiro Lobato e o Politicamente Correto”. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 56, no 1, 2013, pp. 69 a 108.

## ESQUECER LOBATO?

Em 2020, como em momentos anteriores, a imprensa brasileira noticiou ampla polêmica em torno da obra do escritor brasileiro Monteiro Lobato (1882-1948). Seria ele racista?¹ Lobato não é qualquer autor. Prolífico, publicou dezenas de livros e, dentre estes, uma coleção de doze livros infantis, objetos da polêmica em questão, além de obras ficcionais adultas e ensaios. Restam poucas dúvidas hoje de que tanto Lobato quanto sua obra eram, de fato, racistas.²

Presentes de uma tia querida, eu mesmo, tímido garoto negro, li e reli inúmeras vezes os livros infantis do autor, que se tornaram meus melhores amigos, assim como a companhia de suas personagens tornava o mundo um pouco mais vivível para mim.

O problema é, então, mais complicado. A minha própria relação com a obra e com o conforto que os livros me ofereceram, poderiam retratar um quadro amargo para a subjetivação de uma apreensão do mundo que, agora posso ver, é fundamentalmente antinegra. Como o escritor Oswald de Camargo em seu livro *Genoveva*, devo agora falar aos meus parentes ausentes, “tão tristes no meu pensamento”,³ não para esquecer Lobato, ou esquecer a mim mesmo, mas para lembrar desse momento de perigo em que a salvação de si dependeu, se despreendeu, do choque de ver a si próprio refletido em um espelho malicioso.

3. CAMARGO, Oswaldo. *Raiz de um negro brasileiro*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial. 2015.

4. DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1967, p. 55.

5. MOMBACA, Jota. "A plantação Cognitiva". MASP/AFTERALL. #9. 2020. <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-QYyCOFPJZWaj7Xs8Dgp6.pdf> Acesso: 12 de janeiro de 2021.

6. JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo. Diário de uma favelada*. São Paulo: Círculo do Livro, 1960, p. 41.

## A REPRESENTAÇÃO É UM CÁRCERE

E esse espelho é um abismo sedutor. Não se trata apenas do compromisso ideológico do texto lobatiano com a eugenia e o racismo vigente e vigoroso na primeira metade do século 20, mas igualmente da relação com a palavra escrita e com a representação. O que ela significa para a negritude em um mundo antinegro? O que significa, para o sujeito negro encontrar-se ou perder-se a si mesmo na trama tremenda dos signos linguísticos fixados em páginas volantes?

Em *A Escritura e a Diferença*, Jacques Derrida (1930-2004) diz:

Portanto o poeta é na verdade o assunto do livro, a sua substância e o seu senhor, o seu servidor e o seu tema. E o livro é na verdade o sujeito do poeta, ser falante e conhecedor que escreve no livro sobre o livro. Este movimento pelo qual o livro, articulado pela voz do poeta se dobra e se liga a si, torna-se sujeito em si e para si, este movimento não é uma reflexão especulativa ou crítica, mas em primeiro lugar poesia e história. Pois o sujeito nele se quebra e se abre ao representar-se.<sup>4</sup>

Nesse caso, o caráter insidioso de uma colonização epistemológica – plantação cognitiva<sup>5</sup> – refere-se a uma dimensão estrutural, implícita na própria negação de outras formas cosmo-epistemológicas, que escapem à economia política do signo e da representação.

A escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977) é um fenômeno das letras brasileiras. Vivendo e sonhando face a miséria, a fome e a violência, ela deu à luz a um *flash* flamejante de força estética e vislumbre visionário. Carolina leu o que pôde na casa de um patrão rico quando trabalhou como empregada doméstica em São Paulo e também o que podia encontrar no lixão onde buscava, durante o dia, amearhar o que conseguia para o jantar à noite. "Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas as misérias são reais".<sup>6</sup> Neste contexto, as letras, o próprio livro e o diário – que ela escrevia compulsivamente – não seria uma salvação, mas uma mensagem em uma garrafa, rumo a um leitor perdido em uma praia solitária. Contudo, representar é também, evidentemente, alienar e recair no compromisso dicotômico suspenso entre o mundo das coisas e o seu

7. NYONG'O, Tavia. *Afro-Fabulations: The Queer Drama of Black Life*. Nova York: New York University Press, 2018.

8. SPILLERS, Hortense J. "Mama's baby, papa's maybe: An American grammar book". In: *Diacritics*, vol. 17, no 2, Culture and counter memory: The "American" Connection, 1987, p. 64-81.

9. MOTEN, Fred. *In the break. The aesthetics of black radical tradition*. Mineápolis: University of Minnesota Press, 2003.

10. NYONG'O, *Ibid.*, p. 156.

11. No sentido estruturalista, como em LÉVI-STRAUSS, Claude. "A estrutura dos mitos". In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1975, p. 237-265.

12. GONZALEZ, Lelia. "A categoria político-cultural de amefricanidade". In: *Tempo brasileiro*, no 92/93, jan./jun.-1988, p. 69-82.

significado, entre o signo e a coisa. O sujeito e o objeto. Assim, tornar-se para si mesmo um sujeito é, nessa mediação, representar-se com um Outro, que "se quebra e se abre". A representação é, então, o cárcere, o cativo, que só me permite o reconhecimento pela própria negação.

## AFRO-FABULAÇÃO

Para Tavia Nyong'ó a negritude pode ser entendida como nessa dinâmica de representação acima mencionada e muitas outras contradições incorporadas em um sentido bastante material. Uma materialidade contingente, historicamente concebida em uma estrutura de antagonismos irreconciliáveis. Uma contingencialidade tal, definida pela supressão do simbólico projetada sobre o escravizado ou escravizada, o negro, identificado com seu próprio corpo<sup>8</sup>. No ambiente do colonialismo escravocrata, no mundo anti-negro, o corpo negro precisa lutar, resistir, objetar em uma cena definida, para ser reconhecido como identificado a uma subjetividade coerente e legível<sup>9</sup>. Esse reconhecimento, que parece ser possível apenas através da mediação da escrita, dessa forma, se apresenta como uma contradição.

Como pergunta Tavia Nyong'ó em "Afro-Fabulations", que poética poderia escapar a armadilha gravitacional da representação?

A objeção ao argumento que tenho feito contra as políticas de representação e representabilidade (...) será imediata e incontestável. Essa objeção sustenta que o mundo social e político em que vivemos funciona por meio da representação e de identidades socialmente reconhecidas.<sup>10</sup>

Entretanto, podemos argumentar, o mundo antinegro não é o único mundo em que vivemos. No Brasil, na América Latina e em muitos contextos da diáspora africana habitamos um mundo negro, como um duplo ou transformação<sup>11</sup>. A América Latina<sup>12</sup> das tradições culturais, da religiosidade, da música, da performance<sup>13</sup> e de inúmeras formas culturais expressivas. Esse mundo negro não está baseado ou encarcerado na representação. Mas é na confrontação reflexa entre esses mundos, em uma borda ou limiar, que o sujeito negro atravessa o espelho e com horror ou deleite se reconhece também nesses fantasmas antinegros. Vivemos

13. NYONG'O, *Ibid.*, p. 155.

14. Ver GIUGLIANI, Beatriz. *Um olhar etnográfico sobre a escola e a formação de identidade cultural: reflexões entre contextos pluriculturais e educação*. Cachoeira, 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. IPHAN. Cachoeira – BA. <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/112>. Acesso 29/07/2018.

15. HARTMAN, Saidiya. *Scenes of subjection. Terror, slavery, and self-making in nineteenth-century America*. Nova York: Oxford University Press, 1997, p. 56-57.

assim a nossa negritude através do espelho. Em meio a essas metamorfoses, a mensagem em uma garrafa ou palavra roubada é nossa perdição.

### **DESCOLONIZANDO A BIBLIOTECA NA PERIFERIA**

A universidade onde trabalho, na cidade de Cachoeira, Bahia, considerada a mais preta do Brasil, está bem situada nesse território ancestral, de dor, luta, festa e resistência. Povoada por inúmeras tradições afro-brasileiras, a região também é muito pobre.<sup>14</sup>

Em Cachoeira estão os cursos de arte e humanidades da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), o que se adequa bem as próprias tradições culturais e artísticas da cidade, lar de uma importante cena de música reggae e de inúmeros ateliês de escultores em madeira, além dos sambas e candomblés. Como em outras universidades federais do Brasil pós-políticas de ação afirmativa racial, observamos em Cachoeira a mesma bela e terrível efervescência política e cultural negra. Antessala de uma iminente primavera afro-brasileira? Oxalá que sim. Como em outros contextos, a entrada maciça de negros e pobres nas universidades de maior prestígio no Brasil, que são as públicas, desencadeou uma onda de reivindicações pela descolonização do conhecimento e dos currículos. E com esse ponto quero concluir, tendo em vista o discutido acima sobre a relação do sujeito negro com uma biblioteca não apenas colonial e racista, mas também antinegra. Devemos esquecer, abandonar Lobato? Mas também Marx (1818-1883)? Foucault (1926-1984)? E autores como Achille Mbembe e mesmo Fanon, tão ocidentalizados? Ora, como nos diz Saidiya Hartman:

É importante lembrar que a negritude é definida aqui em termos de relacionalidade social, e não de identidade; assim, a negritude incorpora sujeitos normativamente definidos como negros, as relações entre negros, brancos e outros, e as práticas que produzem diferenças raciais. A negritude marca uma relação social de dominação e abjeção e potencialmente de reparação e emancipação: é uma figura contestada no próprio centro das lutas sociais.<sup>15</sup>

16. Referência à canção “Refavela”, de Giberto Gil, no álbum do mesmo nome (1977).

17. “Dia da ira, aquele dia/Em que o mundo se dissolverá em cinzas”.

Ou seja, o mundo antinegro também é nosso mundo, assim como as tradições africanas e a história das lutas e insurreições negras nos constituem. Assim como a história do racismo e da antinegitude construiu o mundo onde habitamos e com qual devemos nos relacionar. Através do espelho, o fantasma pervertido de nós mesmos nos interroga. Esse mundo não é apenas o mundo racista do eugenismo, mas a própria máquina que engendra sentido através do signo e da representação. Dizer a nós mesmos nesse limiar é enfrentar esses fantasmas, que nos sussurram através do espelho.

Na nova refavela do século 21<sup>16</sup>, no caldeirão efervescente da UFRB em Cachoeira, a multidão de subjetividades desconformes, racializadas e *queers* clamam por uma nova aurora, não apenas para a emancipação racial mas também para uma emancipação do cativo da representação. E para uma nova relação com a palavra escrita e com as formas não-representacionais de conhecimento. Tal horizonte é utópico e não depende de voluntarismos, mas da atividade consciente que tece dia a dia o fim do mundo. O fim deste mundo e de suas metamorfoses. Como no poema medieval:

“Dies irae, dies illa  
Solvat saeculum in favilla”<sup>17</sup>.

OSMUNDO PINHO é Professor Associado no Centro de Artes, Humanidades e Letras e no programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, campus de Cachoeira. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1993), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (1996) e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2003). Foi Visiting Scholar no African and African Diaspora Studies Department da Universidade do Texas em Austin. Tem experiência em Antropologia e Estudos Culturais, com ênfase em Teoria Antropológica e em Antropologia das Populações Afro-Brasileiras e da Diáspora, atuando principalmente nos seguintes temas: relações raciais, sexualidade e gênero

MASP

ORGANIZAÇÃO  
Amanda Carneiro

COM A COLABORAÇÃO DE  
André Mesquita  
Yaiza Hernández Velázquez

DESIGN GRÁFICO  
Bárbara Catta

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
Bruno Rodrigues  
Isabella Rjeille  
Mariana Trevas

PRODUÇÃO EDITORIAL  
Amanda Negri  
Jacqueline Reis  
Marina Moura  
Marina Rebouças  
Nathalia Aragão  
Sabrina Oliveira

PREPARAÇÃO E REVISÃO  
Bruna Wagner  
Cecília Floresta

AFTERALL

ORGANIZAÇÃO  
Adeena Mey  
Ute Meta Bauer  
Mark Lewis  
Nav Haq

COM A COLABORAÇÃO DE  
Amanda Carneiro  
Amber Husain  
Charles Stankievehc

DIRETORES DO EDITORIAL E  
CENTRO DE PESQUISA  
Charles Esche  
Mark Lewis

GERENTE DE PROJETO  
Lauren Houlton

COORDENADOR DO PROGRAMA  
Beth Bramich

REVISOR  
Janine Armin

*Arte e descolonização é um projeto de longo prazo, coordenado por André Mesquita e Mark Lewis, que apoia o desenvolvimento de pesquisas realizadas pelo Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) e pelo Afterall Research Center. Essa colaboração tem o apoio da British Academy e da University of the Arts London.*

EDIÇÃO 2020 © Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand e os autores